



## Monumento para Beethoven: quatro vozes sobre isso<sup>1</sup>

Robert Schumann

Tradução e notas de Felipe Ribeiro<sup>2</sup> e Lutti Mira<sup>3</sup>

### I

Diante de mim já se encontra em carne e osso o mausoléu de futura recordação [*Andenkens*] – uma pedra de cantaria [*Quader*] razoavelmente alta, em cima uma lira com os anos de nascimento e morte, acima o céu e ao lado algumas árvores.

Um escultor grego, encarregado de um projeto para um monumento [*Denkmal*] para Alexandre [o Grande], propôs que com o próprio monte Atos se esculpisse sua estátua, que segurava na ponta dos dedos duma mão uma cidade no ar. O homem foi declarado louco. Ele o é, na verdade, menos que essas subscrições alemãs de um vintém. – Ó imperador Napoleão, que dormes bem longe no oceano<sup>4</sup>, feliz és pois nós alemães não podemos te perseguir com um monumento pelas batalhas que nos fizeste perder [*abgenommen*] e que conosco ganhaste; também irás elevar-te do túmulo com o radiante pergaminho [*Rolle*] “Marengo, Paris, travessia dos Alpes, Simplon”<sup>5</sup>, e o mausoléu de todo colapsou ignobilmente. Mas tua sinfonia em ré

---

<sup>1</sup> Artigo de Schumann, originalmente publicado em 1836, depois recolhido nos *Gesammelte Schriften über Musik und Musiker*, de 1854, e atualmente em domínio público. O original em alemão pode ser consultado no link:

< <https://archive.org/details/SchumannGesammelteSchriftenberMusikUndMusikerBd.11914/mode/2up> > .

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia pela FFLCH-USP (bolsista Fapesp – processo nº 2020/02171-0).

<sup>3</sup> Mestrando em Filosofia pela FFLCH-USP (bolsista Fapesp – processo nº 2019/01286-1).

<sup>4</sup> Os restos mortais de Napoleão foram transportados de Santa Helena para Paris apenas em dezembro de 1840.

<sup>5</sup> Estágios da carreira de Napoleão: Batalha de Marengo (1800); Paris, coroação do imperador em 1804; travessia dos Alpes segundo o modelo de Aníbal; passo do Simplon, na Suíça, construído a mando de Napoleão entre 1801-1805.

menor<sup>6</sup>, Beethoven, e todos os teus elevados Lieder de dor e de alegria, não pensamos ser suficientemente grandes para não fixar um monumento a ti, e de forma alguma escapas ao nosso reconhecimento!

Vejo, porém, Eusébio, como minhas palavras irritam-te, e como diante de tuas sonoras qualidades espirituais permites ser petrificado em estátua numa “fonte” de Karlsbad, para servir ao comitê. Pois não é que também carrego em mim a dor de nunca ter visto Beethoven, de nunca ter pressionado a testa ardente em sua mão, e por isso desejo sacrificar um grande palmo de minha vida... Lentamente subo as escadarias da Schwarzschaniehaue número 200<sup>7</sup>, falta-me ar totalmente, entro em seu quarto, ele se ergue, um leão, com coroa na cabeça, e com uma farpa em sua pata. Ele fala de seus sofrimentos. No mesmo minuto milhares caminham encantados sob as colunas do templo de sua sinfonia em dó menor<sup>8</sup>. Mas as paredes querem desmoronar umas sobre as outras, o que requer que se vá além delas. Ele se queixa de como deixam-no tão sozinho, do quão pouco se preocupam com ele. Nesse momento os contrabaixos repousam naquela nota [*Ton*] mais baixa no scherzo da sinfonia. Nenhuma corrente de ar. Numa corda de cabelo sobre uma profundidade insondável mil corações estão suspensos. Tal corda é então rompida, e a grandiosidade das mais altas coisas constrói-se arco-íris por sobre arco-íris. – Mas corremos pelas ruas: ninguém o conhece, ninguém o cumprimenta. – Ressoam os últimos acordes da sinfonia, o público fricciona as mãos, e o filisteu exorta empolgado: “isto é música verdadeira”.

Então celebra-o em vida. Nenhum companheiro, nenhuma companheira ofereceram-se a ele: num sentido doloroso morreu ele, como Napoleão, sem ter uma criança no coração, no deserto de uma cidade grande. Instala-se a ele então um monumento – talvez ele o mereça. Mas então desejam que um dia, nas suas estiradas lápides [*Quader*], estejam inscritos estes versos goethianos:

Se vive certo o homem de bem  
vem o mundo apedrejar.  
E depois? Se ele morre,  
bom montante é recolhido,  
ergue-se então um monumento  
em honra desse sofrido;  
essa gente deveria  
pensar bem seu rendimento  
este homem estaria

---

<sup>6</sup> *Nona Sinfonia em Ré Menor, Opus 125* (1815-1824).

<sup>7</sup> Referência ao último endereço de Beethoven em Viena, a partir do outono de 1825. A casa foi demolida em 1903.

<sup>8</sup> *Quinta Sinfonia em Dó Menor, Opus 67* (1804-1808).

bem melhor no esquecimento.<sup>9</sup>

**Florestan**

## II

Mas, se alguém deve ser inteiramente retirado do esquecimento, torna-se mesmo agradável conceder ao crítico de Beethoven alguma imortalidade, nomeadamente àquele que previu, na página 151 do *Allgemeine musikalische Zeitung* de 1799: “Quando o senhor van Beethoven não mais quiser renegar a si próprio e enveredar pela marcha da natureza, então ele certamente poderá, por seu talento e labor, certamente nos fornecer muitas boas coisas para um instrumento, o qual...”<sup>10</sup>. Claro, ele está na marcha da natureza e na natureza das coisas. Por ora se passaram trinta e sete anos: desabrochou-se, como um divino girassol, o nome Beethoven, enquanto o crítico, num sótão [*Dachstübchen*], se encolheu de todo numa urtiga embotada. Porém, ainda assim eu gostaria de conhecer o patife e oferecer-lhe uma subscrição, para evitar uma eventual morte por inanição.

Börne disse: “instalaremos finalmente mais um monumento ao Deus amado”. Eu digo<sup>11</sup>: suspeito que um monumento [*Denkmal*] já seja uma ruína voltada para frente (a ruína é um monumento [*Monument*] voltado para trás) – o que dizer de dois ou três? Então suponhamos que os vienenses sentiram ciúme dos cidadãos de Bonn e insistiram num monumento. Que piada a maneira com que se perguntaram: “qual deles possui então verdadeiramente o direito?”. Ambos possuem um direito, Beethoven encontra-se em ambos os registros de paróquias. O Reno indica-se como seu berço, o Danúbio (a fama é evidentemente lamentável) seu caixão. Os mais poéticos preferem talvez o último, pois somente o Danúbio flui para o leste e deságua no grande Mar Negro. Outros, no entanto, insistem nas abençoadas margens do Reno e na majestade do Mar do Norte. E finalmente, a esse respeito, vem também Leipzig, enquanto porto médio da formação alemã, com o mérito excepcional de ter sido a primeira cidade a ter se interessado pelas composições de Beethoven – o que trouxe a ela a plenitude celestial. Por isso tenho esperança pelas três...

Certa noite, fui ao cemitério de Leipzig procurar o jazigo de um grande homem [*eines Großen*]: durante várias horas, procurei por todos os lados – não encontrei

<sup>9</sup> Johann Wolfgang von Goethe, *West-östlicher Divan* (1819), terceiro poema de *Rendsch Nameh – Buch des Unmuths*; os primeiros dois versos foram omitidos por Schumann (GOETHE, J. W. von. *Divã ocidento-oriental*. São Paulo: Estação Liberdade, 2020. p. 97. Tradução modificada).

<sup>10</sup> *Allgemeine Musikalische Zeitung*, Primeiro ano (1798-1799), colunas 570-572 (aqui, coluna 571). Crítica de um anônimo a respeito da *Sonata para Violino, Opus 12*, de Beethoven. Contudo, ali é dito: “Quando o senhor van Beethoven não mais se renegar e quiser enveredar pela marcha da natureza”.

<sup>11</sup> Schumann cita de modo a transmitir a ideia geral. Em Ludwig Börne, *Dramaturgische Blätter*, Primeira Seção, Prefácio, página XXIV, encontra-se: “A esse respeito, convém novamente que você instale uma [recordação] do Deus amado”. (*Gesammelte Schriften*. 2. ed. Hamburg: Hoffmann & Campe, 1835).

nenhum “J. S. Bach”<sup>12</sup>... e quando perguntei ao coveiro, ele sacudiu a cabeça por conta da obscuridade do homem e disse: “Há vários Bach”. No caminho para casa, eu disse a mim mesmo: quão poético reina aqui o acaso! Para que não pensemos na poeira efêmera, para que nenhuma imagem da morte comum nos surja, ele espalhou as cinzas por todos os cantos. E, de fato, quero sempre pensar nele sentado ereto em seu órgão, no mais elegante estado, e abaixo dele fervilha sua obra, a congregação observando-o devotamente e talvez também os anjos em volta. Aí tocaste tu, Felix Meritis<sup>13</sup>, homem de cérebro e coração [*Stirn und Brust*] igualmente grandes, uma de suas variações para coral: o texto se chamava *Schmücke dich, o liebe Seele*<sup>14</sup>. Em torno do *Cantus firmus* penduravam-se coroas de folhas douradas e nelas fora despejada uma alegria tal, que tu mesmo me confessaste: “se a vida tomar de ti a esperança e a fé, então esse único coral te trará tudo de volta”. Calei-me, então, e retornei quase mecanicamente ao cemitério. Lá senti uma dor pungente, pelo fato de que não pude pôr nenhuma flor sobre sua urna, e assim caiu minha estima pelo povo de Leipzig de 1750. Por isso, não me obrigues a pronunciar meus desejos sobre um monumento para Beethoven.

**Jonathan**

### III

É preciso andar na igreja com a ponta dos pés – mas tu, Florestan, me ofendestes com tua impetuosa entrada! No momento, várias centenas de pessoas me escutam atenciosamente. Trata-se de uma questão alemã: o artista mais sublime da Alemanha, o supremo representante da palavra e do significado alemães – Jean Paul incluído – precisa ser festejado. Ele pertence à *nossa* arte. Trabalha-se há vários anos com ardor no monumento de Schiller, o de Guttenberg ainda está no começo. Vós mereceis todas as chacotas do francês Janin<sup>15</sup>, todas as grosserias de um Börne<sup>16</sup>, todos pontapés da poesia altiva de Lord Byron, quando deixais a coisa afundar ou operar lentamente!

Quero mostrar-vos um exemplo. Refleti-vos nele! – Quatro pobre irmãs da Boêmia<sup>17</sup> vieram há muito tempo à nossa cidade<sup>18</sup>. Elas tocavam harpa e cantavam. Elas tinham muito talento, mas nada aprenderam pela escola. Mas um homem

<sup>12</sup> Três dias depois de sua morte, Bach foi enterrado anonimamente na Igreja de São João Batista, em Leipzig. Depois de duas exigências, seu túmulo foi transferido para a Igreja de São Tomás, em Leipzig.

<sup>13</sup> Felix Mendelssohn Bartholdy.

<sup>14</sup> *Orna-te, ó alma amada!*, título de uma composição para coral de Bach, BWV 654.

<sup>15</sup> Jules Janin (1804-1874), escritor e crítico francês.

<sup>16</sup> Ludwig Börne (1786-1837), escritor alemão.

<sup>17</sup> Trata-se das irmãs Podlesky: Mariane, Franziska, Josepha e Thekla.

<sup>18</sup> Leipzig.

versado na arte<sup>19</sup> acolheu-as, ensinou-as, e por meio dele elas se tornaram mulheres bem-educadas e felizes. Fazia muito que o homem havia falecido e apenas seus mais achegados lembravam-se dele. Então, depois de aproximadamente 20 anos, chegou de terras estrangeiras uma carta escrita pelas quatro irmãs, fornecendo os meios suficientes para que um monumento pudesse ser erguido para seu professor. O monumento se encontra debaixo da janela de J. S. Bach e os que vão à busca deste tomam conhecimento daquele, pois a imagem lhes chama a atenção, e uma tocante memória é assegurada ao benfeitor e à gratidão. Agora, uma grande nação, diante de um Beethoven, que a cada página transmite a ela grande sentido e orgulho pela pátria, não deveria poder erguer-lhe um monumento mil vezes maior? Fosse eu um príncipe, construía-lhe um templo em estilo palladiano<sup>20</sup>. Nele encontram-se dez estátuas. Thorvaldsen e Dannecker<sup>21</sup> não poderiam construí-las todas, mas outros poderiam trabalhar sob seus olhos. Para nove das estátuas, tenho em vista o número de sinfonias, assim como o das musas: Clio seria a heroica, Tália a quarta, Euterpe a pastoral e assim por diante, sendo ele próprio o Musagète<sup>22</sup>. Ali os cantos do povo deverão se reunir de tempos em tempos. Ali deverão ocorrer competições, festas, ali suas obras serão apresentadas na mais extrema perfeição. Ou então: pegai cem carvalhos centenários e com eles escrevei com letras gigantes seu nome na superfície da terra. Ou construí para ele uma forma gigantesca, como a de Borromeu no lago Maior<sup>23</sup>, para que, como ele o fez ainda em vida, pudesse olhar por cima, de montanha em montanha – e quando o navio passar pelo Reno e os estrangeiros perguntarem o que o gigante significa, então qualquer criança poderá responder: isto é Beethoven<sup>24</sup> – com o que elas querem dizer: ele é um imperador alemão. Ou, caso queirais ser úteis na vida, construí em sua honra uma academia, chamada “Academia de Música Alemã”, onde sobretudo *sua* palavra será ensinada, a palavra que orientará não a música de todos, como um trabalho manual coletivo, mas ao contrário a de sacerdotes, como um reino encantado explorado apenas por uma elite [*Auserwähltesten*] – uma escola da poesia, ou mais: uma escola de música em sentido grego. Em uma palavra: reerguei-vos, livrai-vos do fleuma e lembrai-vos que o monumento será de vós próprios!

---

<sup>19</sup> Trata-se de Johann Adam Hiller (1728-1804), compositor alemão.

<sup>20</sup> Palladianismo é um estilo arquitetônico desenvolvido a partir das ideias e obras do italiano Andrea Palladio (1508-1580), um dos arquitetos mais influentes da história do Ocidente.

<sup>21</sup> Bertel Thorvaldsen (1770-1844), escultor dinamarquês; Johann Heinrich Dannecker (1758-1841), escultor alemão.

<sup>22</sup> Isto é, Apolo.

<sup>23</sup> Trata-se da estátua colossal de São Carlos Borromeu (1538-1584), cardeal italiano e arcebispo de Milão. A estatua está situada no lago Maior (Maggiore), que se divide entre a Itália e a Suíça.

<sup>24</sup> Essa frase tem um certo jogo: “Beethoven ist das”. O duplo sentido é: o gigante é Beethoven, mas também é isto que Beethoven é: um gigante.

**Eusébio****IV**

Faltam asas às vossas ideias: Florestan destrói e Eusébio deixa cair. Certamente, é o maior atestado de honra, assim como a mais autêntica prova de gratidão pelos grandes e amados falecidos, quando seguimos trabalhando em seu sentido: mas tu hás de convir, Florestan, que nós devemos mostrar nossa veneração mundo afora [*nach außen*], e que, se isso não tiver início em algum momento, cada geração irá apelar à indolência da outra. O sentido comum e a avareza gostariam também de se esconder, aqui e ali, sob o manto ousado que tu, Florestan, jogas sobre as coisas, assim como o medo gostaria de ser levado a sério, quando monumentos são louvados um tanto imprudentemente demais. Uni-vos, portanto!

Em todos os países alemães, queremos promover coletâneas passadas de mão em mão, academias, concertos, apresentações de ópera, sessões em igrejas; também não parece inadequado pedir doações em grandes festas com música e canto. Ries em Frankfurt, Chélar em Ausburg, L. Schubert em Königsberg, já começaram da maneira mais louvável. Spontini em Berlim, Spohr em Cassel, Hummel em Weimar, Mendelssohn em Leipzig, Reissiger em Dresden, Schneider em Dessau, Marschner em Hannover, Lindpaintner em Stuttgart, Seyfried em Viena, Lachner em Munique, D. Weber em Praga, Elsner em Warschau, Löwe em Stettin, Kalliwooda em Donaueschigen, Weyse em Copenhagen, Mosevius em Breslau, Riem em Bremen, Guhr em Frankfurt, Strauß em Carlsruhe, Dorn em Riga – eis aí qual série de artistas dignos eu estendo perante vós e quantas cidades, meios e forças ainda restam. E assim, um grande obelisco ou um monte piramidal poderá comunicar à posteridade: que os contemporâneos de um grande homem tentaram comprovar esforçadamente por meio de símbolos extraordinários o quanto seus trabalhos espirituais foram honrados acima de tudo.

**Raro**